

À meia-língua, uma maneira de falar sobre o africano em Lima Barreto

Débora Guerra

Pesquisadora Júnior do Programa de Apoio à Pesquisa (PNAP) da Fundação Biblioteca Nacional. Mestre em Letras (Língua Portuguesa) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. Membro do NUPPLES/UERJ¹ e da APLE-RJ².

E ela vagorosamente, aos pingos, deixava escorrer fracas respostas na sua meia língua...
(BARRETO, 2010 apud SCHWARCZ. Conto *Babá*)

Resumo

Lima Barreto pouco levava em consideração o africano no Brasil como estrangeiro, se levava. Ele tendia a considerar os africanos escravizados integrantes fundamentais da identidade nacional e encontrou neles um dos pilares para denunciar discriminações raciais e socioeconômicas por meio de cartas e especialmente contos. A partir dessas denúncias, busca-se investigar e construir brevemente a visão do escritor sobre o africano ou afro-brasileiro em cinco de seus contos, mas comparando-a com a visão de estrangeiro imigrante trabalhador europeu que pode ser interpretada nas suas crônicas. Para tanto, retiraram-se do *Jornal do Comércio* (1827-1899) anúncios de escravos e de imigrantes cujas características linguísticas destacam todos eles como estrangeiros. Elas servirão de parâmetro comparativo para a análise das características de personagens afros do autor à luz de Magali Engel, Manuela da Cunha, Ivana Lima, , Hosana Silva e Marilza de Oliveira, Tania Alkmim, dentre outros.

Palavras-chave: Negro. Africano. Escravo. Estrangeiro. Lima Barreto.

Abstract

Lima Barreto has little considered, if that he has ever, the African in Brazil as foreigners. He tended to conceive slaved Africans as fundamental members of national identity and to recognize

¹ Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira / Segunda Língua (<http://www.nupples.pro.br/>).

² Associação dos Professores de Português Língua Estrangeira do Estado do Rio de Janeiro (<http://aplerj.com.br/>).

them as one of the pillars for denouncing racial and socioeconomic discrimination through letters and, especially, tales. Based on these denunciations, one seeks to investigate and to briefly construct this author's view on the African or Afro-Brazilian in five of his tales by comparing his view to that of the foreigner European worker immigrant that may be interpreted in his chronicles. For this purpose, it was extracted from *Jornal do Comércio* (1827-1899) some advertisements about slaves and immigrants whose linguistic characteristics distinguished all of them as foreigners. They will serve as a comparative parameter for the analysis of the characteristics of Afro characters of the author, what will be discussed based on Magali Engel, Manuela da Cunha, Ivana Lima, Hosana Silva e Marilza de Oliveira, Tania Alkmim, among others.

Keywords: Negro. African. Slave. Foreigner. Lima Barreto.

Como surgiu esta breve pesquisa?

A ideia deste ensaio surge a partir da experiência de trabalho na pesquisa da professora Magali Gouveia Engel, cujo objeto é Lima Barreto. Ela busca investigar as redes de sociabilidade que caracterizaram a construção da trajetória intelectual do autor nas primeiras duas décadas do século XX. Para tanto, foram pesquisados diversos tipos de fontes (cartas, bilhetes etc.) existentes nos acervos de Manuscritos, Publicações Seriadas e Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional. Nesse sentido, as correspondências e o rascunho de um conto encontrados no acervo de Manuscritos foram o pontapé inicial para este trabalho.

Sabendo-se que Lima Barreto se identificava tanto com a camada intelectual da sociedade, devido ao seu trabalho de escritor e jornalista, quanto com a população menos instruída, devido à sua origem pobre, ele possuía suficiente domínio da língua portuguesa para circular nos mais diversos níveis da sociedade. Mais do que isso, tomando-se conhecimento de suas correspondências, se supõe que ele chegou a se relacionar com estrangeiros também. Nesse sentido, se pensou primeiro em tratar da sua relação com esses estrangeiros, isto é, a forma de comunicação entre eles (em português ou não) e a visão que o escritor tinha deles e de estrangeiros no geral a fim de se construir perfis de estrangeiros segundo Lima.

Nomes estrangeiros de remetentes ou destinatários nas correspondências sugeriam relações de Lima Barreto com estrangeiros. Para citar alguns, tem-se William Cunditt, que, de acordo com Barbosa (2017), era escocês, professor e diretor do Liceu Popular Niteroiense, onde Lima estudou; Annie Cunditt, filha de William Cunditt, professora de inglês do curso primário

do colégio, provavelmente nascida no Brasil, conforme as datas de seu nascimento (15 de fevereiro de 1866) e da chegada da família Cunditt ao Brasil (por volta de 1860) encontradas em Barbosa (2017); e, por último, Francesco Schettino, filho do italiano Gianlorenzo Schettino de acordo com Schwarcz (2017), dono da extinta Livraria e Editora Gianlorenzo Schettino no centro do Rio, de quem a herdou depois. Segundo Barbosa (2017), Francesco também foi um grande amigo de Lima Barreto no fim da vida deste.

Apesar dessas relações, as correspondências (cartas e bilhetes) encontradas estão escritas em língua portuguesa. No geral, elas eram trocadas com professores (como William e Annie Cunditt), escritores (como Monteiro Lobato) e editores (como Francesco Schettino), pessoas que eram do universo intelectual ou estavam relacionadas a ele de alguma forma. Tal fato leva a crer que, por isso, sabiam, pelo menos, ler e escrever em português e aparentavam estar mais familiarizados com o Brasil. Além disso, tanto em livros sobre a vida e a obra de Lima Barreto quanto nas correspondências originais, há escassa informação a respeito dos destinatários e remetentes dessas correspondências, o que impede uma pesquisa mais minuciosa desse material para descrever e compreender a relação entre Lima Barreto, os estrangeiros e a língua portuguesa.

Quanto ao manuscrito do conto, ele foi intitulado originalmente como “Mãe Quirina”, mas publicado como “Babá”. Supõe-se que ele teria sido inspirado na bisavó de Lima, visto que, segundo Barbosa (apud SCHWARCZ, 2010), o autor era neto de escravos e bisneto de Maria da Conceição, que nascera na África e viera ao Brasil em um navio negreiro. Desse modo, é na literatura cotidiana de Lima Barreto (contos e crônicas) que se tem casos de personagens estrangeiros reais ou fictícios, dentre eles negros, por meio dos quais se pode entrever a visão do autor sobre eles e, mais especificamente, abordar a estrangeiridade do africano através da língua.

Além disso, esses personagens, muitas vezes, não fazem parte do universo intelectual, o que, possivelmente, os limitava quanto à aprendizagem da língua portuguesa, daí o termo “meia-língua” no título deste ensaio e que também aparece no conto “Babá”. Eles falariam um português “estrangeirizado”, misturado às suas línguas. Assim, para os fins deste trabalho, as correspondências foram dispensadas, já que, além de faltar informações sobre os possíveis estrangeiros remetentes e destinatários, também vinham escritas em um bom português, tal qual um nativo bem instruído escreveria.

Considerando-se, ainda, que, tanto na área de História quanto, principalmente, na área de Letras, são poucos os que destacam o africano como estrangeiro antes de ser escravo e depois de liberto, finalmente, se pensou para este ensaio refletir sobre a estrangeiridade do africano no Brasil de outrora a partir da perspectiva da língua. Dentre os trabalhos pesquisados, encontrou-se apenas quatro para citar como exemplos.

Um é a obra “Negros estrangeiros – os escravos libertos e sua volta à África” (1985), de Manuela da Cunha, uma antropóloga portuguesa, filha de húngaros, que veio ao Brasil aos 11 anos (CUNHA, 1985). O livro é sua tese de doutorado. O segundo trabalho é o artigo “Escravos bem falantes e nacionalização linguística no Brasil: uma perspectiva histórica” (2012), da historiadora Ivana Lima. O terceiro é o livro “O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX” (1963), do sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, e o quarto é o artigo “A fala como marca: escravos nos anúncios de Gilberto Freyre” (2006), da linguista Tania Alkmim. Dos quatro citados, apenas um é da área da Linguística, e apenas o de Gilberto Freyre não foi utilizado neste ensaio, porém, seu objeto de estudo (escravos nos anúncios de jornal), assim como o de Ivana Lima e o de Tania Alkmim, serviu de inspiração para buscar nos materiais da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional elementos que ajudassem a ampliar, aprofundar e dar mais solidez à análise dos personagens de Lima Barreto.

Questões da pesquisa

Conforme Engel (2014), Lima Barreto viveu de 1881 a 1922, era filho de mestiços, de família pobre (o tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e a professora primária Amália Augusta Barreto), e sofreu discriminações sociais e raciais por parte de colegas e professores por conta dessas características. A partir disso, passou a amadurecer seu olhar sobre as desigualdades e injustiças sociais, comprometendo-se cada vez mais com a literatura a fim de, por meio dela, modificar essa realidade. O elemento negro, construído como a base da identidade nacional, seria, então, um dos pilares para denunciar esses atos nas suas histórias. Contudo, ele tende a desconsiderar a origem do africano antes de vir ao Brasil, mas, ainda assim, parece haver, na sua literatura, personagens negros com características linguísticas que podem destacá-los como estrangeiros uma vez que não dominavam a língua portuguesa com tanta desenvoltura quanto os nativos.

Como falam os escravos nos contos de Lima Barreto?

Apesar de Lima Barreto ter vivido mais no século XX e muito do que escrevia correspondesse à sua realidade, nos contos a serem apresentados, ele retomou cenários de épocas anteriores à que viveu, no século XIX, para justamente resgatar o negro como uma das bases da formação da identidade nacional.

A seguir, apresenta-se os contos de maneira resumida:

A. Babá

Conto encontrado manuscrito em folhas timbradas do Ministério da Guerra junto a lembretes ou avisos de 1903 e 1904 cujos assuntos se referiam ao trabalho nesse órgão.

Mãe Quirina tinha mais de cem anos e veio de Moçambique. Conservava viva a memória de sua vida antes da sua chegada ao Brasil. Neste conto, tem-se a sensação de que ela mesma conta suas lembranças a Lima Barreto no português que conseguiu aprender, chamado por ele de “meia-língua”, designação da qual surgiu o título deste trabalho. Segundo Assis Barbosa (apud SCHWARCZ, 2010), “Mãe Quirina” teria sido inspirada em Maria da Conceição, bisavó de Lima Barreto, que nascera na África e veio ao Brasil em um navio negreiro.

B. Os Negros

Conto encontrado manuscrito. Datado de 1905.

Eram muitos, sem faixa etária específica, vindos de vários lugares da África, mas na peça só há uma negra velha, uma negra moça, uma criança negra e três negros. Ninguém tem lembranças de suas vidas antes de virem ao Brasil e é apenas um dos negros quem fala por todos, em português.

C. O Escravo

Conto encontrado manuscrito. Data não identificada.

Um escravo, molecote, vindo da nação cabinda d’água doce. Também não tem lembranças de sua vida antes de sua vinda ao Brasil, por isso, perguntava tudo a um dos negros mais velhos, pai Matias. Suspeita-se que esse escravo molecote, apesar de africano, teria aprendido o português como língua materna devido à idade com que teria vindo para o Brasil e à falta de memória do que teria vivido ainda na África. Apesar disso, supondo-se que ele tenha aprendido português como língua materna, muito provavelmente, a aprendeu mesclada a outras línguas africanas e ao português considerado “mal falado” dos africanos, aos ouvidos de um português ou luso-brasileiro.

D. O Destino do Chaves

Manuscrito não encontrado. Conto publicado no livro *Histórias e sonhos* em 1920.

Felismino Felicíssimo Chaves da Costa era um negro, filho de outra negra, dona Dadá. Essa negra, logo após Felismino nascer e ser batizado, o levou a vários feiticeiros para conhecer o horóscopo de seu filho. Primeiro foi levado a uma índia cabocla e, depois, à “tia” Maria Ângela, uma preta de raça cabinda, rainha do terreiro e respeitada pelos seus feitiços. Em seguida, dona Dadá o levou ao “pai” Luís, um preto velho, vindo do Congo, também feiticeiro. Todos os horóscopos se cumpriram. O menino que queria seguir carreira militar e nunca conseguiu, acabou tornando-se ministro de Estado dos Negócios da Marinha. Dos cinco, este é o único conto que não trata de lembranças, mas sim do futuro, relacionado à religiosidade africana

e apresentando a mistura de religiões no Brasil. Não há menção quanto à nacionalidade de dona Dadá e do Felismino, por isso, se trabalha apenas com as falas da “tia” Maria Ângela e do “pai” Luís.

E. Manoel de Oliveira

Manuscrito não encontrado. Conto publicado na *Revista Souza Cruz* em 1921.

Inicialmente escravo e depois alforriado. Quem lhe dera o nome foi seu dono, um português hortelão. Veio ainda muito criança da Costa da África e era de nação cabinda. Aprendeu com seu dono o ofício de plantar couves e vender as hortas. Depois de alforriado, continuou a trabalhar para seu senhor como assalariado. Apaixonou-se por uma escrava de nome Maria Paulina, comprou sua alforria e foi morar com ela. Viviam da venda das hortas até o dia em que Maria Paulina fugiu, deixando Manoel louco. Ele, então, largou tudo, passou a vagar pela cidade e foi posto em um asilo de mendigos, que se transformou em uma colônia de alienados. Ali conheceu Lima Barreto e o pai de Lima, funcionário de lá, e tornou-se um grande amigo da família. Já recuperado e velho, Manoel passou a cuidar dos porcos da colônia. Ao receber alta, foi morar com Lima Barreto e seu pai até o fim da vida. Neste conto, não se sabe a origem da escrava Maria Paulina. As recordações sobre Manoel de Oliveira se fundem com as de Lima Barreto, uma vez que conviveram juntos durante certo tempo, inclusive, quem fala é Lima Barreto, não o personagem.

Com relação aos personagens dos contos, observa-se, em primeiro lugar, que a memória ou lembrança de suas vidas anteriores à sua vinda se mostra um discreto elemento para refletir sobre a fase da vida – infância, adolescência ou adulta – na qual teriam vindo e chegado ao Brasil e começado a aprender português. Isso importa para distinguir se o aprendizado foi como língua materna ou estrangeira, como no caso do conto “O Escravo”. Em segundo lugar, observa-se que todos os personagens são africanos e nem sempre são eles mesmos quem falam, mas Lima Barreto quem fala por eles, afinal, ele mesmo diz “eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos” (BARRETO, [1911] apud RESENDE; VALENÇA, 2004). Talvez por isso tenha optado, muitas vezes, por não reproduzir suas falas. Mesmo assim o fez algumas vezes, provavelmente com, dentre outras, a ajuda de jornais que lia, em alguns dos quais publicava seus contos e suas crônicas, como o *Jornal do Comércio*.

Dessa forma, as informações que os contos trazem sobre o nível de proficiência ou de aprendizado dos africanos são insuficientes para se estabelecer, unicamente a partir delas, uma análise e dessa análise concluir ou supor, através da língua, a identidade estrangeira desses personagens. Por isso, a fim de se organizar categorias de análise, foram utilizados também

anúncios de donos de escravos no *Jornal do Comércio*, no período de 1827 a 1889, época em que ainda vigorava a escravidão, desde antes do nascimento de Lima até a Proclamação da República, quando o Brasil deixou de ser Império e se buscou substituir nas plantações a mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre com trabalhadores imigrantes, visto que desde a Lei Áurea, de 1888, estava proibida a escravidão.

Como falam os imigrantes nas crônicas de Lima Barreto?

A seguir, apresenta-se as crônicas de maneira resumida:

A. O Caso do Mendigo

Crônica publicada na *Gazeta da Tarde* em 1911.

Imigrante espanhol que veio ao Brasil com a obrigação de retornar rico à Espanha. Sofreu um acidente qualquer que lhe cegou a vista, mas que não lhe isentou da obrigação de enriquecer. Tornou-se mendigo, portanto. Foi preso pela polícia por possuir aproximadamente 6 contos de réis no banco, o que pode equivaler atualmente a um pouco mais de 700 mil reais. Lima Barreto não conhece pessoalmente o mendigo. Apenas especula sobre o direito de qualquer pessoa pedir esmola e economizá-la (como uma renda salarial) e as causas que teriam levado o cego a mendigar a ponto, inclusive, de fazer da mendicância sua “profissão”. Chegou mesmo a aperfeiçoar-se no “ofício” trabalhando o tom de voz, a aparência e “adotando” um cachorro. Tudo para dramatizar e fazer com que as pessoas se apiedassem de sua condição. Graças ao “nobre trabalho” deixou de ser pobre, mas perdeu a timidez e não se constrangia por pedir dinheiro. Para Lima, essa atitude lhe soava como um ato político contra a crise gerada no país após a Proclamação da República.

B. São Paulo e Os Estrangeiros I

Crônica publicada em *O Debate* em 1917.

Imigrantes estrangeiros que vieram ao Brasil trabalhar nas lavouras de café, solicitados por meio da propaganda do Estado no exterior. Em sua maioria eram italianos e espanhóis que vinham sozinhos ou com suas famílias em busca da fartura econômica que a propaganda dizia ser fácil conseguir. No entanto, a produção do café cresceu e seu preço diminuiu, o que fez com que os governantes tomassem medidas drásticas para evitar a depreciação. Pararam de atrair estrangeiros com propaganda e começaram a expulsar os que aqui estavam e a abafar suas críticas. Nesta crônica, Lima Barreto também não atribui falas a seus personagens.

C. São Paulo e Os Estrangeiros II

Crônica publicada em *O Debate* em 1917. Continuação da crônica anterior.

Imigrantes estrangeiros que vieram ao Brasil trabalhar nas lavouras de café, solicitados por meio da propaganda do Estado no exterior. Assim como nas outras crônicas, nesta Lima Barreto também não atribui falas a seus personagens.

Usando como tribuna *O Debate*, onde colaboravam também Théo Filho, Maurício de Lacerda, Pereira da Silva e Saturnino Brito, é com coragem e exaltação que se volta contra figurões, contra *políticos profissionais de São Paulo* e mesmo contra a república em duas crônicas que aqui aparecem reunidas: *São Paulo e os estrangeiros I e II* e escreve: *A república, mais do que o antigo regime, acentuou este poder do dinheiro, sem freio moral de espécie alguma.* [...] A negação de *haneas corpus* e a alteração das leis que incentivavam a emigração acontecem, segundo ele, com o apoio de quase toda a imprensa carioca. (RESENDE, 2004, p. 15)

Os estrangeiros, que outrora serviam ao país, acabaram tornando-se um obstáculo ao enriquecimento das elites paulistanas. Elas agora precisavam encontrar meios de os remover e de abafar e impedir suas opiniões, bastante preocupantes.

Em 1917, são as movimentações operárias, mais organizadas e atuantes, que farão Lima desviar os olhos do Rio e dirigi-los para São Paulo. Liderados pelos anarquistas, operários iniciam em São Paulo greve que vai se espalhar por todo o país, apesar da forte repressão policial. A consequência do movimento será a decisão do governo de expulsar do país estrangeiros que significassem ameaça, mudando para isso, as leis que fossem necessárias. (RESENDE, 2004, p. 14-15)

Os imigrantes eram trabalhadores mais esclarecidos e instruídos que os da população nacional e, portanto, não se deixariam dar por vencidos tão facilmente.

Como se nota, quanto à fala dos imigrantes estrangeiros nas crônicas, novamente, é Lima Barreto quem fala por eles, não havendo, portanto, dados suficientes para análise consistente. Assim, foram utilizados também anúncios de imigrantes no *Jornal do Comércio*, no período de 1890 a 1899, que compreende, coincidentemente, os dez primeiros anos da literatura do escritor nos jornais e, não coincidentemente, a política de atração de trabalhadores livres estrangeiros e a tentativa de substituição do trabalho do africano pelo trabalho do europeu, uma vez que japoneses e outras nacionalidades não são mencionadas nos contos nem nas crônicas de Lima.

É certo que, no Brasil, à exceção de pelo menos as últimas três décadas, cuja imigração veio e ainda vem ocorrendo em novos contextos (mudanças legislativas, acolhimento a refugiados etc.), houve diversas épocas de imigração, assim como imigrantes das mais diversas nacionalidades. Pode-se dizer, por exemplo, que houve três fases.

A primeira identifica-se com o período seguinte ao término das guerras napoleônicas, quando mudanças políticas e territoriais causaram alta de preços, fome e incerteza com relação ao futuro. A segunda, por volta de meados do século XIX, é marcada pela saída do camponês em busca de novas terras, numa resistência em se tornar operário das emergentes fábricas. Finalmente, cerca de três décadas mais tarde, nos anos 80, registra-se uma nova onda. (LUNA, 2000, p. 28)

A segunda fase, que coincide ou com a época de vida de Lima Barreto ou com a época sobre a qual ele escreve, é a que importa para este ensaio.

Além disso, apesar de ele fazer referência a norte-americanos, japoneses e outras nacionalidades, a maioria dos estrangeiros que está no Brasil sobre a qual Lima escreve é europeia, até porque “as idéias européias e os seus desdobramentos práticos eram valorizados e estimulados pela contribuição que poderiam trazer para a cultura brasileira” (LUNA, 2000, p. 31). Sobre a influência dos estrangeiros em São Paulo, inclusive, os governantes diziam que “fez de São Paulo a única coisa decente do Brasil” (BARRETO, [1917] apud RESENDE; VALENÇA, 2004). Quanto aos norte-americanos, o escritor sempre os menciona “de fora”, isto é, não comenta sobre os que poderiam estar no Brasil, se referia à forma de atuação dos norte-americanos dentro da sua própria sociedade, costumes seus reconhecidos em qualquer parte do mundo, para ele. Lima cita principalmente a brutalidade dos norte-americanos e sua discriminação aos negros quando vão aos Estados Unidos, como “em certas ocasiões, quando desconfiam das origens raciais de certos viajantes: será negro ou não?” (BARRETO, [1917] apud RESENDE; VALENÇA, 2004). Nesse sentido, este ensaio trata apenas de africanos, afro-brasileiros e europeus.

Assim como não teve convívio com escravos, Lima Barreto também pouco vivenciou dos hábitos, costumes e fatos históricos e cotidianos de outros estrangeiros, visto que nunca saiu do país. Contudo, passou toda sua vida na cidade do Rio de Janeiro, na época, Capital Federal, onde teve acesso a gente de todas as classes e de várias partes do mundo e onde recebeu uma educação que lhe terá possibilitado reconhecer algumas línguas, como na crônica “Abertura do Congresso”, na qual descreve algumas personagens estrangeiras como mulheres que divertiam deputados, e na crônica “Quase doutor”, na qual descreve um alemão que houvera aprendido português da roça. Ter-lhe-á possibilitado, inclusive, detectar especificidades linguísticas como o som gutural do alemão, assim descrito na crônica “Mágoa que rala”. A leitura assídua de jornais e outros suportes, o bom aprendizado de línguas e a vivência em um ambiente multilíngue e multicultural como o Rio lhe terão proporcionado conhecimento de mundo suficiente para, mesmo sem nunca ter saído do país, reconhecer determinados comportamentos de outros povos.

Apesar de nunca ter viajado para o exterior, e tendo se afastado do Rio apenas por duas breves ocasiões, Lima Barreto era especialmente antenado com o que ocorria no resto do mundo, assinando revistas estrangeiras e encomendando livros do exterior, já que dominava inglês e francês, línguas que estudou regularmente como parte da boa educação que recebera. (RESENDE apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 14)

Como morador do Rio, acrescenta-se que um dos jornais que lia e onde chegou a publicar algumas de suas obras é o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, tal como relata na crônica “Velhos ‘apedidos’ e velhos anúncios”, na qual trata de retalhos de jornais de mais de quarenta anos que recebera de um vizinho idoso e colecionador de jornais. Alguns desses retalhos eram anúncios do *Jornal do Comércio* (RJ) que tratavam de escravos, “uma ocasião que raras vezes

aparece” (BARRETO, [1918] apud RESENDE; VALENÇA, 2004) na época do escritor. A leitura dessa crônica fomentou a ideia de buscar na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional anúncios desse jornal que pudessem compor os *corpora* deste ensaio e propiciar uma análise mais segura quanto às características linguísticas dos personagens escravos.

Ressalta-se também a importância dos anúncios do jornal para a contextualização histórica, política e social dos escravos e dos imigrantes na sociedade brasileira da época. Afinal, o modo de falar português ou o quanto um escravo falava português é aqui considerado numa perspectiva sincrônica, dentro do estágio de evolução que a língua apresentava naquele momento, um português do século XIX e começo do século XX. Também a questão de se considerar o africano escravo e o imigrante estrangeiro envolve os interesses políticos da época e do contexto em recrutá-los, uma vez que este veio espontaneamente, atraído por propagandas sobre o Brasil, e aquele veio forçado, comprado como mercadoria. Portanto, a forma como chegavam influenciava no grau de liberdade em manterem ou não suas raízes e, neste ponto, os imigrantes trabalhadores domésticos eram os que mais conseguiam preservá-las.

Entretanto, apesar das diferenças entre um e outro em relação à forma de entrada ao país e à forma de vê-los e de tratá-los, ninguém escapa às suas origens linguísticas, ainda que as tenha adquirido apenas por meio de sua família, longe das terras onde a língua é falada. A língua sempre foi e sempre será um elemento que distingue aqueles que não fazem parte de um lugar daqueles que fazem parte dele. Disso surge, então, o interesse em apontar, neste trabalho, o africano como estrangeiro, independente da sua condição de escravo ou de liberto. Ser escravo é uma condição imposta, ser estrangeiro tem a ver com identidade e, portanto, precede àquela condição e também a perpassa.

Assim, busca-se

1) De que forma a origem de alguém e a língua poderiam ser diferenciais para se encontrar um escravo ou se arrumar um emprego?

2) Que características linguísticas de personagens africanos ou afro-brasileiros a partir da comparação destas com características linguísticas retiradas de anúncios de escravos do *Jornal do Comércio* (1827-1889) podem destacá-los como estrangeiros?

O objetivo geral é destacar o negro africano como sendo tão estrangeiro quanto os imigrantes europeus, uma vez que esse lado tende a ser ocultado ao longo da história devido ao seu papel de escravo.

Metodologia e delimitação dos *corpora*

A busca no acervo de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional por

correspondências que apresentassem relações de Lima Barreto com estrangeiros não resultou em dados convenientes para a pesquisa já que esse tipo de material não possuía elementos para análise do quanto de português esses estrangeiros falariam ou de como o falariam, sobretudo os africanos, que são o objeto deste trabalho. No entanto, encontrou-se o original do conto “Babá”, até então intitulado “Mãe Quirina”, que continha conteúdo que poderia ser interpretado sob a perspectiva linguística. Dessa forma, optou-se por analisar contos e crônicas do escritor no lugar das correspondências.

Contudo, uma dificuldade geralmente encontrada na análise de manuscritos se refere à legibilidade tanto em relação ao documento, que, até ser devidamente conservado, pode ter sofrido a ação do tempo, de agentes biológicos e do manuseio inadequado, quanto em relação à própria forma da letra do seu autor. No caso de Lima Barreto, seus manuscritos, no geral, estão em bom estado, mas sua caligrafia costuma dificultar o processo de leitura e análise uma vez que “a letra é infamérrima e irregularíssima. Há trechos em que o autor positivamente cambaleia” (MONTEIRO LOBATO, 1964 apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 28). A grafia de Lima era reclamação recorrente entre seus leitores e é hoje entre seus pesquisadores.

Outra dificuldade é em relação à forma padrão das letras, que pode mudar ao longo dos tempos, e em relação ao uso da língua portuguesa, que também pode mudar de uma época para outra. Assim, sem ter pleno domínio ou conhecimento da caligrafia do período e do português utilizado no início do século passado na literatura e nos jornais, se tornam ainda mais árduas as tarefas de decifrar sua letra e coletar e analisar seus manuscritos. A esse propósito, ressalta-se, inclusive, que, no caso dos contos e das crônicas, se trata de rascunhos, algumas vezes incompletos e com rasuras.

Somando-se a todos esses fatores, o curto tempo de pesquisa (duração de 1 ano), que também dificulta a leitura paciente e atenta dos documentos, se escolheu coletar e analisar contos do livro “Contos completos de Lima Barreto”, organizado por Lilia Schwarcz, e crônicas do livro “Lima Barreto: Toda crônica”, volume 1 (1890-1919), organizado por Beatriz Resende e Rachel Valença. Durante a leitura de ambas as obras, observou-se que personagens africanos e afro-brasileiros com características linguísticas descritas o suficiente para serem minimamente analisadas são encontradas nos contos, enquanto nas crônicas estão os personagens imigrantes que podem ser suficientemente analisados para compor o cenário das épocas.

Foram selecionados para este trabalho 5 contos:

- A. Babá
- B. Os Negros
- C. O Escravo
- D. O Destino do Chaves

E. Manoel de Oliveira

Esses são os únicos que apresentam características linguísticas que possibilitam uma análise, ainda que superficial (porém não inconsistente), já que este trabalho, devido ao tempo de 1 ano de pesquisa, não permite aprofundar muito as discussões e reflexões com um embasamento teórico planejado e estudado de forma mais demorada.

E 3 crônicas:

A. O Caso do Mendigo

B. São Paulo e Os Estrangeiros I

C. São Paulo e Os Estrangeiros II.

Essas são as únicas que apresentam características de imigrantes trabalhadores que possibilitam a composição do cenário da época, em relação à condição do país, principalmente das capitais Rio e São Paulo, após a Proclamação da República, e a comparação das condições de vida entre os escravos e os imigrantes.

Quanto à escolha dos anúncios do *Jornal do Comércio*, do período de 1827 a 1889 (época em que ainda vigorava a escravidão), ela se fez a fim de se organizar categorias de análise (possíveis níveis de proficiência) para os personagens africanos dos contos. Durante a leitura desses anúncios, observou-se dois grupos de escravos, os africanos de nascimento e os afro-brasileiros, chamados de “crioulo” no jornal. Observou-se também adjetivos e advérbios que qualificam sua maneira de falar português ou até mesmo adjetivos que qualificam os escravos por falarem ou não falarem português, como “ladino” e “boçal”. Nesse sentido, para compreender melhor os conceitos de “crioulo”, “ladino” e “boçal”, quatro autoras são utilizadas: Ivana Lima, da área de História, e Tania Alkmim, Hosana Silva e Marilza de Oliveira, da área de Linguística.

A partir da compreensão desses termos, emergiram supostos “níveis de proficiência” dos escravos baseados no entendimento ou não da sua fala pelos nativos, seus senhores. Então, ajustou-se esses níveis à clássica classificação em “básico”, “intermediário” e “avançado” que inferiu uma organização para as falas dos personagens africanos dos contos de Lima Barreto. Com isso, pode-se argumentar a condição estrangeira dos africanos, natural e perene, diferentemente da condição escrava, imposta.

Já os anúncios de imigrantes do *Jornal do Comércio*, no período de 1890 a 1899, que compreende a política de atração de trabalhadores livres estrangeiros e a tentativa de substituição do trabalho do africano pelo trabalho do europeu, foram coletados para, junto aos anúncios dos escravos, ajudar a compor o ambiente histórico, político e social dos escravos e dos imigrantes na sociedade brasileira da época e refletir mais profundamente sobre a pouca visibilidade desses africanos como estrangeiros, ao contrário dos imigrantes.

Além disso, preferiu-se recorrer aos anúncios de jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional e não aos anúncios já utilizados pelas autoras Ivana Lima e Tania Alkmim em seus trabalhos porque o ideal em uma pesquisa documental é trabalhar com fontes originais. Também porque, uma vez que os manuscritos encontrados não foram utilizados na pesquisa, é importante divulgar os materiais dos acervos da Fundação Biblioteca Nacional, nem sempre lembrados e explorados na área de Português como Língua Estrangeira ou Segunda Língua. Trata-se de uma instituição de relevância histórica e cultural que possui amplos acervos para pesquisas em diversas áreas do conhecimento, em especial na linha da Historiografia do Português como Língua Estrangeira ou Segunda Língua. Assim, divulgar a Hemeroteca Digital também contribui para estimular o uso de *corpora* da Fundação Biblioteca Nacional em futuras pesquisas nessa direção.

Foram coletados ao todo 15 anúncios de escravos e 10 anúncios de imigrantes. A ideia era reunir o maior número possível desses materiais a partir das edições do *Jornal do Comércio* do período de 1827 a 1899 disponíveis na Hemeroteca Digital. Não houve outro critério se não esse. Contudo, dos 15 anúncios de escravos, apenas 11 puderam ser aproveitados para o trabalho. 3 não indicam a origem dos escravos e 1 trata de uma escrava proveniente do Pará. Ainda que este último fato não assegure que a escrava fosse brasileira, também não assegura que ela fosse africana ou afro-brasileira. Face à dúvida, optou-se por não usar esse anúncio também.

As etapas de análise do trabalho compreendem discussões breves devido ao curto tempo de pesquisa e à pouca quantidade de dados encontrados e coletados para análise. Elas consistem basicamente em estimular a reflexão acerca do escravo como estrangeiro considerando a língua, elemento-chave de identidade, e assim rever sua posição no curso da história, uma vez que também passou por dificuldades e necessidades próprias de qualquer estrangeiro e contribuiu para a difusão do português mais que os imigrantes.

Estes últimos formaram colônias e suas línguas, de alguma forma, circulavam na sociedade brasileira, algumas, ainda, como disciplinas curriculares em escolas. Mesmo após a política de nacionalização (LUNA, 2000), o processo de extinção das falas estrangeiras não tinha como ser pleno. A falta de professores qualificados para ensinar português aos imigrantes e também dispostos a trabalhar longe dos centros urbanos (onde se concentravam as colônias) por baixos salários foi um dos fatores que dificultou a concretização da política. À parte disso, qualquer medida que se adotasse não chegaria a obter o êxito que o processo de escravização teve em relação à imposição do português aos negros e à desvalorização do uso das línguas africanas. Ao contrário dos escravos, que tiveram de aprender português por si mesmos no dia-a-dia das suas relações com seus senhores, os imigrantes deveriam ser ensinados, com professores e materiais didáticos (ainda que nem sempre disponíveis).

Sendo assim, a primeira etapa da análise trata dos dois estilos de anúncios, os de escravos e os de imigrantes, diferenciando-os primeiro para em seguida os aproximar. Discute-se a relação língua e trabalho, respondendo à primeira pergunta desta pesquisa. A segunda etapa diferencia os termos “ladino”, “boçal” e “crioulo” encontrados nos anúncios dos escravos sob a perspectiva de quatro autoras: Ivana Lima, da área de História, e Tania Alkmim, Hosana Silva e Marilza de Oliveira, da área de Linguística. Também descreve resumidamente a classificação da proficiência dos escravos dos anúncios de Ivana Lima, que separa africanos e crioulos (afro-brasileiros). A esse respeito, neste trabalho se entende que africanos e crioulos, mesmo estes sendo descendentes, eram aprendizes de portugueses com maior ou menor grau de dificuldade e de fluência na língua. Por isso, não se diferencia um do outro. A classificação da proficiência dos escravos feita por Ivana Lima pareceu mais adequada para esta pesquisa do que a da Tania Alkmim, visto que o detalhamento de Ivana Lima quanto aos graus de proficiência sugeridos pelas frases e expressões que ela encontrou nos anúncios possibilitou estabelecer aqui uma classificação com níveis de proficiência mais próximos daqueles aos que os anúncios provavelmente queriam se referir.

A terceira e última etapa consiste em responder à segunda pergunta desta pesquisa alocando trechos dos contos com características linguísticas dos personagens africanos em cada nível de proficiência estabelecido pelo que os anúncios de escravos sugerem.

Segue-se, então, a análise propriamente.

Língua e trabalho

Até 1851, ano em que se aprovou, sob pressão inglesa, a lei imperial que proibia o tráfico de escravos, era permitido seu comércio. Contudo, os fazendeiros não se renderiam à lei e continuariam contraindo escravos por meio do comércio interprovincial.

Determinados a manter a escravatura a despeito da lei, os fazendeiros paulistas e das Províncias vizinhas do Rio de Janeiro e Minas Gerais intensificavam as deportações interprovinciais a partir de 1870, quando se dizia, na Assembleia Legislativa de São Paulo, que não se deveria temer a falta de mão de obra nas lavouras paulistas, onde *estavam se concentrando todos os escravos do Norte do Império*. (TELLES, 2011, p.22)

Assim são registrados fugas, desaparecimentos e aluguéis de escravos até 1889, ano da Proclamação da República. Fora isso, ainda no período imperial, havia a preocupação quanto ao branqueamento da população brasileira e, para tanto, o governo já atraía imigrantes europeus para o país lhes doando terras (LUNA, 2000). Nesse caso, observa-se nas edições consultadas do *Jornal do Comércio* que os anúncios de escravos no período imperial ou superam os anúncios de imigrantes ou simplesmente são os únicos, já que os imigrantes eram ricos, donos de fazendas e,

portanto, também senhores de escravos. Para fins deste trabalho, não se discute a questão dos escravos que terão aprendido o português falado como segunda língua pelos senhores estrangeiros (porque ainda seria necessário fazer um levantamento das origens desses senhores, das línguas que falariam e do seu grau de proficiência em português para analisar e compreender o grau de proficiência dos seus escravos considerando o português mesclado com as línguas dos senhores) ou mesmo que terão aprendido as línguas maternas desses senhores.

Como se pode notar no Quadro 1, os anúncios referentes aos escravos traziam basicamente os nomes dos escravos (quando havia), de onde eles vinham, que línguas falavam e como falavam português. A maioria apenas descrevia características físicas (corpo e vestimentas) e linguísticas porque a intenção era recuperá-los (estivessem os escravos fugidos ou desaparecidos) e, provavelmente, não queriam despertar a atenção de outros senhores publicando os dotes dos escravos para o trabalho.

Encontrou-se somente um anúncio de escravo para alugar, na linha 8 do quadro, o único que menciona uma segunda língua falada por ele, no caso, o inglês. Esse anúncio, em especial, trazia também informações sobre os serviços que o escravo fazia: “he cosinheiro, sabe tratar bem de animaes, e entende o serviço de roça, falla Inglez e Portuguez” e não o identificava nem com nome nem com características físicas, uma vez que a ideia era fazer uma boa propaganda para ser alugado e talvez também porque não quisesse ser encontrado por seus ex-senhores, caso ele fosse um escravo fugido se passando por liberto. Falar inglês, inclusive, ampliava a quantidade de gente que poderia requisitar seus serviços. Esse é o único anúncio que se aproxima dos anúncios dos imigrantes, pois além de citar os serviços que o escravo fazia, demonstra a valorização da língua europeia no contexto nacional para o trabalho, já que, principalmente após a Proclamação da República, os ricos imigrantes que já estavam aqui desde o Império poderiam agora preferir contratar ou alugar outros imigrantes que também falassem suas línguas, em detrimento dos africanos e seus descendentes. É possível que houvesse também alguns escravos fugidos ou desaparecidos falantes de línguas europeias, além do português, mas, nestes casos, essa informação deveria ser omitida dos anúncios.

A partir da lei de 1851 que proibiu o tráfico negreiro, começaram a coexistir o trabalho escravo, devido a permanência do comércio ilegal, e o trabalho livre, com a atração de imigrantes para algumas lavouras de café, mais concentradas em São Paulo.

A partir do último quartel do século, a sociedade diversificava-se na Capital, que recebia a burguesia cafeeira, grandes capitalistas, acionistas de bancos e de empresas urbanas, proprietários de hotéis e de estabelecimentos de consumo, funcionários públicos, profissionais liberais [...]. O florescimento da rede urbana articulava-se ao desenvolvimento da rede ferroviária e dos grandes centros cafeeiros que vinha suprir, a oeste da Província. (TELLES, 2011, p. 24)

Juntamente com essas transformações, surgiam também no cenário das capitais Rio de

Janeiro e São Paulo novos meios de vida das classes mais pobres, nas quais se incluíam escravos, forros e livres (afrodescendentes e europeus). Os serviços eram domésticos, em casas de família: costura, engomado de roupas, cocheiro, cuidado de crianças, cozinha, jardinagem, entre outros.

ESTRANGEIROS						
ESCRAVOS AFRICANOS (1827-1889)				IMIGRANTES EUROPEUS (1890-1899)		
QUEM É?	DE ONDE VEM?	COMO FALA OU QUE LÍNGUAS FALA?	QUEM É?	PROCURA TRABALHAR EM QUÊ?	QUE LÍNGUAS FALA?	
01	Um moleque de nome Joaquim	Nação Cabinda	Gagueja alguma coisa ao falar. É ladino.	Um casal francês	O homem como encarregado ou apontador; a mulher como governanta ou cuidadora de crianças	Fala português e inglês.
02	Um preto chamado Joaquim	Nação Congo	Ainda não fala bem português.	Uma professora estrangeira	Governanta ou educadora de crianças	Fala alemão e inglês. Não fala português.
03	Um preto de nome Lim	Nação Benguella	Não fala bem português e gagueja alguma coisa.	Uma senhora alemã	Em casa de família	Fala português e um pouco de inglês.
04	Um moleque de nome Jorge	Nação Moçambique	Fala bem português.	Um italiano	Como cocheiro	Fala português.
05	Uma preta por nome Maria	Nação Caçange	Fala muito português e é muito ladina.	Uma senhora francesa	Como costureira e engomadeira	Não fala português.
06	Um escravo	Nação Maiollo	Não sabe língua. É boçal.	Uma francesa	Como cozinheira	Não fala português.
07	Um escravo por nome Manoel	Nação Congo	Sabe alguma coisa ler e escrever. É ladino.	Um alemão	Como jardineiro	Fala inglês. Não fala português.
08	Um escravo	X	Fala inglês e português.	Um casal alemão sem filhos	A mulher como cozinheira; o marido em qualquer trabalho	Compreende e fala português.
09	Um preto de nome Pedro	Nação Benguella	Fala muito poucas palavras em português.	Um moço espanhol	Em casa de família	Sabe ler e escrever e fala português.
10	Um escravo	Nação Miná	Ainda não fala bastante desembaraçado.	Uma moça alemã	Como copeira ou em qualquer serviço em casa de família	Não fala português.
11	O preto Joaquim	Crioulo	Fala bem.	X		
12	O escravo Galdino	Crioulo	Fala desembaraçado.			
13	O escravo Mauricio	X	Fala bem.			
14	João Manoel	X	Fala vagarosa.			
15	Escrava Maria	Pará	Fala descansada.			

Quadro 1: Descrições dos anúncios dos estrangeiros no *Jornal do Comércio* (1827-1899) da Hemeroteca Digital

Apesar de haver população alforriada e afrodescendentes livres, o Quadro 1 leva a crer que a procura por emprego na primeira década da República, nos centros urbanos, principalmente no Rio de Janeiro, era grande por parte dos imigrantes. No entanto, não foi possível saber se essa demanda superava a dos africanos e afrodescendentes nem se havia preferência pelos trabalhadores imigrantes estrangeiros. Sugere-se, entretanto, que, pelas menções às nacionalidades destes e às línguas que estes falavam, houvesse famílias europeias que prefeririam imigrantes também europeus para trabalhar em suas casas, provavelmente da mesma origem que os patrões. Nesse sentido, o africano ou afro-brasileiro que não tivesse domínio de línguas europeias (supondo que ele tivesse tido oportunidade de aprendê-las), além do português, estaria em desvantagem, ou mesmo se as dominasse, já que sua etnia era outra.

O Quadro 1 demonstra que, no período anterior à República, a maioria dos escravos eram procurados, fosse para alugá-los ou para recuperá-los, pelo como ou pelo quanto de português falavam. Em contrapartida, os imigrantes eram procurados, nos primeiros anos da República, pelas atividades que exerciam e pelas línguas que falavam.

O Rio de Janeiro foi

uma cidade que recebeu distintos grupos étnicos e linguísticos, e que foi marcada por grande concentração populacional escrava, o que tornou possível que africanos falantes da mesma língua se encontrassem ou usassem línguas gerais ou veiculares para se comunicar. A outra baliza marcante na experiência de comunicação da cidade foi a presença da língua portuguesa, com a qual os escravos que trabalhavam no ambiente urbano, exercendo determinados ofícios, teriam muito mais contato do que, por exemplo, em áreas de grandes *plantations*, em que as línguas africanas poderiam ter mais trânsito. (LIMA, 2012, p. 357)

Por um lado, os escravos só poderiam se comunicar nas suas línguas maternas com outros escravos falantes das mesmas línguas, uma vez que com qualquer outra pessoa deveriam se comunicar em língua geral ou veicular, que poderia ser o português ou outra língua europeia. Por outro, os imigrantes tinham mais liberdade, na cidade ou nas zonas rurais, de se comunicar em suas línguas não apenas com seus conterrâneos.

À parte disso,

Como consequência da proclamação, no Rio de Janeiro, a população aumentou exageradamente, pois as pessoas buscavam aquela cidade a fim de obter uma vida melhor; acreditavam que ali encontrariam novas oportunidades de emprego já que se tratava da Capital Federal. Havia, então, uma grande diversificação étnica e os negros engrossavam o número de desempregados. (ASSIS, 2008, p. 31)

Em todo caso, apesar dessa vantagem, do período imperial até os primeiros anos da República, dos imigrantes sobre os africanos e afro-brasileiros, em relação à língua e à etnia, o aumento da população provocou um quadro de desemprego generalizado.

Como a população aumentou, mas a oferta de emprego não acompanhou essa mudança, havia muitas pessoas mal remuneradas ou sem trabalho, o que, por consequência, aumentou o número de menores abandonados e da população perigosa, formada por

ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e de navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, pivetes, capoeiras. (Idem, 2008, p. 31)

É contra essa situação que Lima Barreto escreveu a crônica “O Caso do Mendigo”, na qual primeiro reflete sobre os fatores que teriam levado o pobre homem àquela circunstância.

Quem seria esse cego antes de ser mendigo? Certamente um operário, um homem humilde, vivendo de pequenos vencimentos, tendo às vezes falta de trabalho; portanto, pelos seus hábitos anteriores de vida e mesmo pelos meios de que se servia para ganhá-la, estava habituado a economizar. É fácil de ver por quê. Os operários nem sempre têm serviço constante. A não ser os de grandes fábricas do Estado ou de particulares, os outros contam que, mais dias, menos dias, estarão sem trabalhar, portanto sem dinheiro; daí lhes vem a necessidade de economizar, para atender a essas épocas de crise. (BARRETO, [1911] apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 80-81)

E ao final, satiriza essas dificuldades, às quais muitos estavam submetidos, apontando a mendicância como meio de sobrevivência e até de enriquecimento relativamente honesto, já que mendigar e economizar não são crimes.

Há ocasiões na vida que a gente pouco tem a escolher; às vezes mesmo nada tem a escolher, pois há um único caminho. É o caso do cego. Que é que ele havia de fazer? Guardar. Mendigar. [...] As pessoas [...] se indignaram com o estado próspero da fortuna do cego. [...] De resto, ele era espanhol, estrangeiro, e tinha por dever voltar rico. Um acidente qualquer tirou-lhe a vista, mas lhe ficou a obrigação de enriquecer. Era o que estava fazendo, quando a polícia foi perturbá-lo. Sinto muito; e são meus desejos que ele seja absolvido do delito que cometeu, volte à sua gloriosa Espanha, compre uma casa de campo, que tenha um pomar com oliveiras e a vinha generosa. (Idem, 2004, p. 82-83)

O mendigo cego tratava-se, então, de um imigrante que, seguindo o raciocínio de Lima Barreto, pode ter ficado desempregado, afinal, “instalou-se, aos poucos, em boa parte dos brasileiros, uma dúvida inquietante acerca da capacidade da sociedade brasileira de absorver a leva de imigrantes” (LUNA, 2000, p. 32). Com isso, começou a haver tensões entre a população brasileira e os imigrantes havendo a necessidade de assimilá-los para formar uma unidade e evitar a independência de regiões do país, como o Sul. Uma das medidas tomadas foram as campanhas de nacionalização linguística e cultural, que valorizavam a língua e a cultura luso-brasileiras. Assim, as línguas dos imigrantes, principalmente mais afastadas do português, passaram a ter menos prestígio na sociedade. Além de sofrerem com o desemprego como os africanos e afrodescendentes, os imigrantes também tiveram de aprender a falar português como os escravos de outrora.

De acordo com Luna (2000, p. 31-32), a abolição da escravatura, em 1888, “provocou o recrutamento, pelo governo brasileiro, de imigrantes de Portugal, da Espanha, da Itália e da Alemanha”, tal como o processo de industrialização também o provocou. Em São Paulo, já no advento da República, subiu o preço do café, o que fez com que seus produtores tratassem de

atrair para as suas lavouras imigrantes, espalhando nos países de emigração folhetos de propaganda em que o clima do estado, a facilidade de arranjar fortuna nele, as garantias

legais – tudo, enfim, era excelente e excepcional. A esperança [era] forte nos governos, quer aqui, quer na Itália ou na Espanha; e desses dois últimos países, em chusma, acorreram famílias inteiras e milhares de indivíduos isolados, em busca de abastança, que os homens do estado diziam ser fácil de obter. (BARRETO, [1917] apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 289)

Contudo, o excesso de imigrantes gerou o efeito inverso, aumentou a produção do café e seu preço caiu, afetando os bolsos dos governantes.

Os estrangeiros já não serviam e eles queriam livrar-se do incômodo que os forasteiros lhes davam, criticando-lhes os atos [...]. Trataram logo de se armar de leis que fizessem abafar os seus gemidos; e uma delas é a célebre de expulsão que não se coaduna com o espírito da nossa Constituição; que é inconseqüente com a propaganda feita por nós para atrair estrangeiros, que podem e devem fiscalizar as nossas coisas, pois nós os chamamos e eles suam por aí. (BARRETO, [1917] apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 290-291)

Assim, se, por um lado, os trabalhadores imigrantes chegaram ao Brasil de maneira diferente dos escravos, por outro, é possível dizer que eles tiveram tratamento semelhante aos destes em relação a proibições e punições, guardando-se as devidas proporções da condição de um grupo e de outro. Tratar o imigrante como mercadoria, desfazendo-se dele quando não lhe servisse mais, o desemprego e a necessidade de aprender português são elementos que podem aproximar a situação dos imigrantes à dos escravos e, então, considerar estes como estrangeiros também.

Apesar de as crônicas não caracterizarem o nível de proficiência dos imigrantes em português, elas, juntamente com os anúncios de imigrantes, auxiliaram, principalmente nesta etapa, a contextualização da análise.

Características linguísticas de africanos e afro-brasileiros

Os anúncios de escravos do Quadro 1, coletados a partir das edições de 1827 a 1889 do *Jornal do Comércio*, disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, são bastante breves e trazem os seguintes dados: 1. escravo fugido, desaparecido ou disponível para alugar; 2. nome; 3. nacionalidade; 4. escravo ladino ou boçal; 5. fala português ou outra língua europeia e 6. quanto ou o quê fala de português. Tais informações variam de anúncio para anúncio conforme a quantidade de elementos que os senhores de escravos informassem ao jornal. A propósito das informações que vinham nos anúncios, a idade do escravo às vezes também era mencionada, mas, para esta pesquisa não foi relevante citá-la, e, do universo de 15 anúncios, apenas 11 foram aproveitados para a análise. Havia 3 sem indicação da origem do escravo e 1 que tratava de uma escrava proveniente do Pará e, por isso, não se sabe se ela era africana ou afro-brasileira, como ocorre com os outros 3.

Quanto ao terceiro e quarto dados, a respeito dos conceitos de “crioulo”, “ladino” e “boçal” na sociedade oitocentista, são resumidas no Quadro 2 suas definições segundo as autoras Ivana Lima, da área de História, e Tania Alkmim, Hosana Silva e Marilza de Oliveira, da área de Linguística.

COMPREENSÃO DE TERMOS DOS ANÚNCIOS DOS ESCRAVOS			
AUTORAS	CRIOULO	BOÇAL	LADINO
HOSANA SILVA E MARILZA DE OLIVEIRA	Não define.	“[...] de todas as características que distinguem o africano boçal, era a não proficiência na “língua do país” que caracterizaria sua condição de recém-chegado, condição esta que, a partir de 1831, tornou-se ilegal. Além disso, todo africano considerado boçal teria o direito de se tornar “africano livre”, de acordo com o art. I da lei de 1831. Logo, por meio desses dispositivos, o Império atrelava a proficiência do africano na “língua brasileira” à sua antiguidade no território do Brasil, e assim, à noção de propriedade legal” (ALMEIDA, 2012 apud SILVA; OLIVEIRA, 2015, p. 875)	Conceito não encontrado de maneira explícita, mas pode ser entendido a partir da definição de “boçal”. Ele sempre aparece em oposição a esta.
TANIA ALKMIM	“nascido e criado no Brasil” (2006, p. 224)	“africano não aculturado” (2006, p. 224)	Conceito não encontrado de maneira explícita, mas pode ser entendido a partir da definição de “boçal”. Ele sempre aparece em oposição a esta.
IVANA LIMA	Não define.	Não define.	Não define.

Quadro 2: Termos dos anúncios dos escravos no *Jornal do Comércio* (1827-1889) da Hemeroteca Digital

Sobre os conceitos de “ladino” e “boçal”, Silva e De Oliveira (2015, p. 875-876) também os definem como

qualificações tracejadas enquanto categorias classificatórias dos grupos sociais (ALMEIDA, 2012), as quais deixam ver não somente as marcas do adestramento social e linguístico a que negros e índios estavam submetidos, mas também dão a conhecer os aspectos políticos e econômicos estruturantes daquele espaço social”.

Por sua vez, Tania Alkmim (2006, p. 228) afirma que “a identidade africana é inseparável dos estatutos de boçal ou ladino e, em consequência, da qualidade de bom ou mau usuário da língua portuguesa”. O grau de aculturação, então, era fator determinante para o maior ou menor grau de aquisição da língua a tal ponto que “o africano, submetido ao processo desde jovem, não se distingue do escravo crioulo” (idem, 2006, p. 228) e este “tem, como corolário natural, o domínio da língua portuguesa” (idem, 2006, p. 228). Já em alguns dos anúncios encontrados por Ivana Lima (2012) apontados em seu trabalho, existem os registros “ladino, fala bem a língua

portuguesa” e “ladino e não fala bem claro”. Assim, observa-se que as definições de “crioulo”, “ladino” e “boçal” são além de linguísticas, também sociais, políticas, econômicas (supondo que o escravo crioulo geralmente valesse mais por dominar a língua “naturalmente”, estar mais habituado aos costumes locais e integrado ao contexto), culturais e até comportamentais, entendendo “ladino” também como sinônimo de “esperto”, “astuto” ou “habilidoso” e “boçal” como “ignorante”, “de difícil compreensão do serviço”, “pouco habilidoso” ou “com pouca aptidão”. No caso do termo “crioulo”, ele ainda pode se referir à língua propriamente, como “português crioulo”, mas não cabe aqui discutir nenhum desses casos.

Tomando-se os conceitos de “crioulo”, “ladino” e “boçal” correspondentes apenas às características linguísticas dos escravos africanos e afro-brasileiros (crioulos), apresenta-se um quadro da classificação resumida que Ivana Lima (2012) faz no seu trabalho com relação aos anúncios que ela utilizou.

PROFICIÊNCIA DOS ESCRAVOS POR IVANA LIMA (2012)			
CLASSIFICAÇÃO	CRIoulos	CLASSIFICAÇÃO	AFRICANOS
COM BOA HABILIDADE	Frases ou expressões dos anúncios: “fala bem”, “bem falante”, “sabe ler e escrever”, “muito falador/faladeira”, “fala desembaraçada”, “fala explicada”, “fala inteligível”, “explica-se bem”, “fala bem expressado”, “ladino”, dentre outras.	COM BOA HABILIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	Frases ou expressões dos anúncios: “ladino”, “fala bem a língua portuguesa”, “fala perfeitamente”, “fala como um crioulo”, “fala desembaraçada”, “bem falante”, dentre outras.
FALA ATRAPALHADO / FALA EMBARAÇADO	Frases ou expressões dos anúncios: “fala um tanto atrapalhado”, “fala muito embaraçado”.	COM FRACA HABILIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	Frases ou expressões dos anúncios: “fala atrapalhada”, “fala embaraçada”, “boçal”, “não fala bem o português”, “fala pouco o português”, “fala o português muito mal”.
FONAÇÃO / ARTICULAÇÃO	Frases ou expressões dos anúncios: “quando fala, pega-lhe a língua”, “quando fala é com muita pausa”, “fala muito grosso”, “fala fina”.	COM MÉDIA HABILIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	Frases ou expressões dos anúncios: “fala meio embaraçado”, “fala pouco desembaraçada”, “não fala bem explicado”.
		EM PROCESSO DE APRENDIZAGEM	Frases ou expressões dos anúncios: “ainda boçal”, “ainda fala pouco o português”, “já meio ladino”, “fala ainda meio atrapalhado”.
FALANTES DE LÍNGUAS EUROPEIAS	Frases ou expressões dos anúncios: “fala inglês”, “fala um pouco de espanhol”, “fala francês”.	FALANTES DE LÍNGUAS EUROPEIAS	Frases ou expressões dos anúncios: “fala francês”, “fala espanhol”, “fala inglês”.

Quadro 3: Níveis de proficiência sugeridos por Ivana Lima (2012) a partir dos anúncios de escravos dos jornais analisados por ela.

Apenas a critério de ilustração e de verificação é que contribui para este trabalho a categoria “falantes de línguas europeias”. Assim, é possível que, no caso desses escravos, eles tivessem tido senhores imigrantes estrangeiros cuja nacionalidade não era portuguesa. Em todo caso, tais dados não interferem na análise desta pesquisa.

Das classificações de Ivana Lima (2012), retirou-se apenas as que interessam para o presente trabalho, discriminadas no Quadro 3. A respeito da categoria “fala atrapalhado/fala embaraçado”, ela (LIMA, 2012, p. 361) comenta que é um “bom exemplo da perspectiva do ouvido senhorial. De alguém que não entendiam, diziam ter uma fala atrapalhada, embaraçada”. Baseando-se nas classificações já expostas, criou-se, para fins desta pequena pesquisa, os níveis “básico”, “intermediário” e “avançado” de proficiência dos escravos africanos e afro-brasileiros (crioulos). Para tal reclassificação, levou-se em consideração os nomes das classes de Ivana Lima (2012), as expressões ou frases contidas em cada uma, a definição já mencionada de “fala atrapalhada” (associada àquela que não se entendia) e a definição de “boçal” mencionada por Almeida (2012, p. 42 apud SILVA; DE OLIVEIRA, 2015). Dessa forma, construiu-se o seguinte quadro:

NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA RELACIONADOS AOS DO QUADRO 3	
CATEGORIAS DE ANÁLISE DE IVANA LIMA (2012)	CATEGORIAS DE ANÁLISE PARA ESTE TRABALHO
COM BOA HABILIDADE E COM BOA HABILIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	Pela lógica, corresponderiam, neste trabalho, ao nível AVANÇADO .
MÉDIA HABILIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	“Média habilidade na língua portuguesa” na tabela da autora sobre os africanos, pela lógica, corresponderia, neste trabalho, ao nível INTERMEDIÁRIO .
FRACA HABILIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA	“Fraca habilidade na língua portuguesa” na tabela da autora sobre os africanos, pela lógica, corresponderia, neste trabalho, ao nível BÁSICO .
EM PROCESSO DE APRENDIZAGEM	“Em processo de aprendizagem” na tabela da autora sobre os africanos, por conter as expressões “ainda boçal”, “fala pouco” e “fala ainda meio atrapalhado”, corresponderia, neste trabalho, ao nível BÁSICO .
FALA ATRAPALHADO / FALA EMBARAÇADO	“fala atrapalhado/fala embaraçado”, por estar associada, no trabalho de Ivana Lima (2012), à fala que não se entendia, corresponderia, neste trabalho, ao nível BÁSICO .
FONAÇÃO / ARTICULAÇÃO	“fonação/articulação” na tabela da autora sobre crioulos, por conter as frases “quando fala, pega-lhe a língua” e “quando fala é com muita pausa”, corresponderia, neste trabalho, ao nível BÁSICO .

Quadro 4: Níveis de proficiência sugeridos para este trabalho a partir das categorias de análise de Ivana Lima (2012).

Como já mencionado, neste trabalho se entende que africanos e afro-brasileiros (crioulos), mesmo estes sendo descendentes, eram aprendizes de português com maior ou menor grau de dificuldade e de fluência na língua. Por isso, não se diferencia um do outro.

Feitas as correlações necessárias para a classificação da proficiência dos escravos dos anúncios utilizados neste trabalho, passa-se, então, para a última etapa.

O africano como estrangeiro em Lima Barreto

A partir desses níveis, classificou-se os escravos dos anúncios retirados do *Jornal do Comércio* (1827-1889) da Hemeroteca Digital de acordo com o grau de proficiência sugerido pelas expressões ou frases que o caracterizam nesses anúncios.

NÍVEL	QUANTIDADE	EXPRESSÕES / FRASES
BÁSICO	03	A. “ainda boçal / não sabe língua” (africano). B. “fala muito poucas palavras em português” (africano). C. “não fala bem português e gagueja alguma coisa” (africano).
INTERMEDIÁRIO	03	A. “ladino / ainda não fala bastante desembaraçado” (africano). B. “ainda não fala bem português” (africano). C. “ladino / gagueja alguma coisa ao falar” (africano).
AVANÇADO	05	A. “ladino / tem algum conhecimento de ler e escrever” (africano). B. “fala bem português” (africano). C. “muito ladino / fala muito português” (africano). D. “fala bem” (crioulo). E. “fala desembaraçado” (crioulo).
TOTAL	11	X

Quadro 5: Proficiência dos escravos descritos nos anúncios do *Jornal do Comércio* (1827-1889) da Hemeroteca Digital

Nos anúncios coletados e aproveitados para esta pesquisa, observa-se que os dois crioulos ou afro-brasileiros que existem teriam nível avançado de português, confirmando a aculturação como elemento determinante para atingir esse nível. No entanto, cabe ressaltar que poderia haver casos, mais isolados, de crioulos com baixo nível de proficiência em português no caso de um deles, por exemplo, apesar de ter nascido e crescido no Brasil, ter convivido com senhores imigrantes que não falassem (bem) português, dentre outras situações que podem ter existido.

Quanto ao caso de africanos alcançarem nível avançado na língua, considerando-se que a maioria dos escravos não tinha acesso à instrução, a questão da idade a partir da qual eles teriam sido expostos à língua e à cultura luso-brasileira era o que determinava seu alto nível de proficiência.

Em outras palavras, a condição de crioulo e a aquisição do português, em idade jovem, pelo escravo africano podiam tornar-se equivalentes, no sentido de que o momento da iniciação lingüística era o mesmo tanto para os escravos nascidos, quanto para os não nascidos no Brasil. (ALKIMIM, 2006, p. 226)

O Quadro 5 também apresenta mais escravos com português avançado do que básico e intermediário, o que leva a crer que de fato, como afirmou Lima Barreto (que não conviveu com escravos), era uma época mais escassa de escravos, anos antes da abolição da escravatura e da Proclamação da República. A pouca quantidade de anúncios encontrada no *Jornal do Comércio* dessa época também pode estar relacionada a isso. Provavelmente, a sociedade tentava se manter com a quantidade de escravos que existia no ambiente brasileiro, já sem o recurso do tráfico. Assim, não haveria escravos novos, recém-chegados, que não saberiam falar português ou que falariam pouco. Sobre isso também se faz a ressalva de que nem todos os escravos que já estariam no Brasil há muito tempo falariam bem português, como exemplificado anteriormente e como o próprio conto “Babá”, de Lima Barreto, confirma isso, uma vez que Mãe Quirina já estava no Brasil há mais de cem anos e ainda falava uma *meia língua*.

O próximo esquema sintetiza as correspondências entre os contos e os anúncios do jornal que podem ser sugeridas a partir das classificações estabelecidas no Quadro 5.

NÍVEL	EXPRESSÕES/FRASES (<i>Jornal do Comércio</i>)	EXPRESSÕES / FRASES (Contos)
BÁSICO	<p>“ainda boçal / não sabe língua” (africano).</p> <p>“fala muito poucas palavras em português” (africano).</p> <p>“não fala bem português e gagueja alguma coisa” (africano).</p>	<p>D. O Destino do Chaves [...] <i>Eu não “<u>gunguria ningror</u>”, não “<u>qué botá biongo</u>” nem “<u>Mangá</u>”; mas <u>eu “diz”</u> que criança “<u>sê macota</u>” no que “<u>ele</u>” não “<u>sabe</u>”. (Fala de “pai” Luís) (africano).</i></p>
INTERMEDIÁRIO	<p>“ladino / ainda não fala bastante desembaraçado” (africano).</p> <p>“ainda não fala bem português” (africano).</p> <p>“ladino / gagueja alguma coisa ao falar” (africano).</p>	<p>A. Babá <i>E ela vagarosamente, aos pingos, deixava escorrer fracas respostas na sua <u>meia língua</u>, agora muito enfraquecida pela moléstia e pela idade.</i> (africana). Lima Barreto como “intérprete”.</p> <p>D. O Destino do Chaves <i>Sim, menino, meu anjinho: “<u>vancê</u>” será grande coisa... Mamãe é bem boa... <u>Eu não “corta”</u>... Mas “<u>vancê</u>” não será feliz naquilo que “<u>vancê</u>” e <u>os seus “quisé</u>”. (Fala de “tia” Maria Ângela) (africana).</i></p>
AVANÇADO	<p>“ladino / tem algum conhecimento de ler e escrever” (africano).</p> <p>“fala bem português” (africano).</p> <p>“muito ladino / fala muito português” (africano).</p> <p>“fala bem” (crioulo).</p> <p>“fala desembaraçado” (crioulo).</p>	<p>B. Os Negros <i>Vinhamos muitos, de vários lugares. Cada qual falava uma língua. Não nos entendíamos. [...] <u>Sinhô-moço</u> contava que não sei que santo salvou-se engolido por uma baleia, que depois deixou-o numa praia.</i> (africano).</p> <p>C. O Escravo <i>E não se contentava com as informações do pai Matias, procurava indagar da <u>sinhá-moça</u>, que achava notícias de matéria.</i> (africano). Lima Barreto como “intérprete”.</p> <p>E. Manoel de Oliveira <i>Seu “<u>Lifonso</u>”, o senhor diz que lá não há quem saiba ler. Pois olhe: os doutores daqui, quando querem saber melhor, vão estudar lá.</i> (africano). Lima Barreto como “intérprete”.</p>

Quadro 6: Comparação entre os escravos dos anúncios e os escravos dos contos

No Quadro 6, é possível notar a língua como elemento indicador da origem não-brasileira dos escravos do século XIX, levando-se em consideração a seguinte distribuição dos trechos dos contos:

1. Nível básico: classifica-se como “nível básico” a fala de “pai” Luís por, além de cometer falha de conjugação verbal (“eu ‘diz’”), incorporar vocabulário africano ao português, dificultando a compreensão. A propósito, segundo Lopes (2012, [s.l.]), o termo “macota”, de origem africana, significa

“(1) homem de prestígio e influência; (2) O maior ou mais importante de todos; (3) chefe de um grupo de maculelê; (4) ajudante do ganga, sacerdote do culto omolocô; (5) nos candomblés bantos equéde mais velha; (6) grande, enorme, mais velho, maior, conselheiro de soba, indivíduo de respeitabilidade, pela idade, saber ou riqueza”.

2. Nível intermediário: O termo “meia-língua” utilizado por Lima Barreto, no conto Babá, para se referir ao português de Mãe Quirina, por si só já leva a crer que ela, aos ouvidos de um nativo daquela época, falaria relativamente bem, mas ainda com dificuldade. Não se pode afirmar se o fato de ela falar devagar, aos poucos e com “fracas respostas” seria só fraqueza causada “pela moléstia” e “pela idade” ou se também estaria relacionado à sua “meia-língua”. No caso de “O Destino do Chaves”, apesar de também “tia” Maria Ângela cometer falha de conjugação verbal (“Eu não ‘corta’” e “os seus ‘quisé’”), já se compreende bem mais o que ela diz do que “pai” Luís. Seu vocabulário, ao contrário do dele, não se mistura com o africano, mas ela procura reproduzir palavras em português, ainda que com dificuldade de pronúncia (“vancê”, variação popular que depois de ter passado por “vosmecê”, daria “você”. Todas provenientes de “vossa mercê”, forma culta).

3. Nível avançado: Classifica-se nesse nível os personagens dos contos “Os Negros”, “O Escravo” e “Manoel de Oliveira” por já demonstrar conjugação verbal sem falhas (“vínhamos muitos”, “não nos entendíamos”, “cada qual falava”, “o senhor diz”, “não há quem saiba ler”, “os doutores...querem”, “os doutores...vão estudar”) e praticamente não apresentar nenhuma dificuldade de pronúncia. No caso de Manoel de Oliveira, é provável que o nome “Lifonso” venha, na verdade, de Alfonso (Álifonso > Alfonso > Lifonso), podendo tratar-se, de fato, de dificuldade de pronúncia. Já no caso dos personagens de “Os Negros” e “O Escravo”, as palavras “sinhô-moço” e “sinhá-moça” correspondem, respectivamente, às formas masculina e feminina, de os escravos se referirem aos seus senhores ou aos filhos de seus senhores. Elas derivam das formas de pronúncia: “sinhô” > senhor e “sinhá” > senhora. Portanto, é possível que, antes de serem formas de tratamento convencionadas na língua, em alguma época já tenham sido consideradas “má” pronúncia. Cabe também ressaltar que o personagem de “O Escravo” veio para o Brasil ainda molecote

e sem lembrança de nada da África, devendo, por isso, ter aprendido português como língua materna ou primeira língua. Se se parte desse pressuposto, naturalmente, no seu caso, portanto, o português seria avançado.

É importante ressaltar dois fatos. O primeiro que

“Desde seu assentamento [o escravismo], o espaço brasileiro nacional conferiu lugar oficial somente à língua portuguesa, em detrimento das línguas africanas e indígenas; os processos de unificação linguística, iniciados ainda no século XVIII [...], facilitaram sua oficialização e, conseqüentemente, a clivagem entre falantes e não-falantes do português”. (SILVA; DE OLIVEIRA, 2015, p. 875)

Presume-se, a partir do trecho, que a imposição da língua portuguesa aos escravos, na maioria das vezes aprendida no dia-a-dia, sem um ensino próprio para isso, intensificou a assimilação diferenciada de traços fonéticos e gramaticais. Isso gerou expressões depreciativas como “português nagô” ou “português bunda” (LIMA, Ivana. 2012, p. 359), dentre outras, para se referir ao modo africano de falar português.

O segundo, como consequência do primeiro, que passou a haver uma rejeição à “variedade popular, ao mesmo tempo em que reconhecem e reproduzem o prestígio do português europeu [...] Para Paulino de Brito (1908), por exemplo, atribuir valor à fala popular corresponderia a *dar foro de cidade à gramática dos negros*” (ALKMIM, 2006, p. 874). Assim, considerando-se questões políticas e linguísticas da época, como tentativas de “uniformizar” a língua do Brasil baseadas no português culto europeu, as características linguísticas dos escravos nos anúncios eram pautadas não só no quanto os senhores entendiam o que eles falavam, mas também no português europeu do século XIX.

Para finalizar, apresenta-se o Quadro 7 a título de ilustração e resumo, com apenas as classificações dos trechos dos contos.

NÍVEL	CONTO	EXPRESSÕES / FRASES
BÁSICO	D. O Destino do Chaves	D. [...] <i>Eu não “gunguria ningror”, não “qué botá biongo” nem “Mangá”; mas eu “diz” que criança “sê macota” no que “ele” não “sabe”.</i> (Fala de “pai” Luís) (africano).
INTERMEDIÁRIO	A. Babá D. O Destino do Chaves	A. <i>E ela vagorosamente, aos pingos, deixava escorrer fracas respostas na sua meia língua, agora muito enfraquecida pela moléstia e pela idade.</i> (africana). Lima Barreto como “intérprete”. D. <i>Sim, menino, meu anjinho: “vancê” será grande coisa... Mamãe é bem boa... Eu não “corta”... Mas “vancê” não será feliz naquilo que “vancê” e os seus “quisé”.</i> (Fala de “tia” Maria Ângela) (africana).
AVANÇADO	B. Os Negros C. O Escravo E. Manoel de Oliveira	B. <i>Vinhamos muitos, de vários lugares. Cada qual falava uma língua. Não nos entendíamos. [...] Sinhô-moço contava que não sei que santo salvou-se engolido por uma baleia, que depois deixou-o numa praia.</i> (africano). C. <i>E não se contentava com as informações do pai Matias, procurava indagar da <u>sinhá-moça</u>, que achava notícias de matéria.</i> (africano). Lima Barreto como “intérprete”. E. <i>Seu “Lifonso”, o senhor diz que lá não há quem saiba ler. Pois olhe: os doutores daqui, quando querem saber melhor, vão estudar lá.</i> (africano). Lima Barreto como “intérprete”.

Quadro 7: O português dos escravos africanos de Lima Barreto

Ressalta-se que a divisão das falas dos personagens dos contos em níveis de proficiência sugeridos pelos anúncios não se trata de uma avaliação propriamente dita, mas apenas de uma sistematização para se refletir e se discutir mais profundamente em futuros trabalhos a questão do escravo africano como tão estrangeiro quanto foi também o trabalhador imigrante europeu. Inclusive, esta não foi a proposta deste ensaio e nem foram encontrados, nos contos, dados suficientes para medir as destrezas dos escravos na língua, sob “critérios avaliativos” do português falado no século XIX, que também ainda precisariam ser investigados e reconstituídos.

A respeito de ser estrangeiro e sofrer aculturação, fica a seguinte reflexão de Manuela da Cunha (1985, p. 11-12):

o escravo é sempre, por definição, um ser sem raízes. Só através de um corte radical com todas as lealdades que fazem de um homem um membro da sociedade é que se pode torná-lo um ser completamente apropriável por outrem, outra família, outra sociedade. O escravo é assim, por excelência, um estrangeiro, não enquanto membro de uma outra comunidade da qual proveio, mas enquanto permanentemente alheio à comunidade que o escravizou. É alguém que deve ser mantido na sua condição de estranheza. É um *outro*. E é um outro que não pode ter lealdades próprias, mas apenas lealdades mediadas pelo senhor.

No caso da autora, ela trata dos escravos libertos que retornaram à África e lá constituíram a comunidade dos “brasileiros”, dentre outros motivos, devido ao seu nível de

assimilação da cultura brasileira e da língua portuguesa, mais ainda, devido à sua ocidentalização, em comparação com os demais nativos (muçulmanos e falantes de outras línguas). Isso mantinha os africanos “brasileiros”, tanto por vontade própria, quanto por parte dos demais nativos da região de Lagos (atual Nigéria), isolados na sua própria terra.

É curioso observar que o negro africano, após ser obrigado a aprender a falar português e a seguir rituais católicos no Brasil, também tenha passado a ser uma espécie de “brasileiro” dentro da sua própria comunidade natal na África a ponto de lá passarem a ser considerados estrangeiros. Portanto, também cabe considerar como estrangeiros os africanos que aqui chegaram antes mesmo de serem vistos como uma das bases da identidade nacional.

Considerações finais

Mesmo Lima Barreto, tendendo a destacar os africanos apenas como base da formação nacional para atender seus propósitos de denúncias da sociedade da sua época, vez ou outra esbarrou em características linguísticas de seus personagens revelando suas origens estrangeiras. Neste trabalho, buscou-se, então, levantar hipóteses acerca do grau de português que falariam alguns personagens de cinco contos seus a fim de se destacar um novo olhar sobre eles, o de estrangeiros que, em algum momento, tiveram de aprender a língua.

Na ocasião da *III Jornada de Pesquisadores da Fundação Biblioteca Nacional*, ocorrida em agosto de 2017, na qual se tratou de apresentar os resultados parciais das pesquisas, a análise feita indicava apenas o negro como estrangeiro a partir da perspectiva linguística, centrada no seu próprio grupo, os africanos e afro-brasileiros. Neste ensaio, contudo, se analisou o negro em comparação com outros estrangeiros, no caso, os imigrantes europeus trabalhadores. Assim, os resultados obtidos ao fim da pesquisa indicam que, apesar de as formas como africanos (trazidos à força) e europeus (atraídos por propagandas enganosas) chegaram ao Brasil se diferenciarem, as condições de desemprego tanto do negro quanto do imigrante podem ser comparadas, já que para nenhum deles havia perspectiva de ascensão econômica e melhoria da qualidade de vida.

No entanto, para os trabalhos domésticos nos centros urbanos, durante a primeira década da República, parece haver certas predileções pelos imigrantes, principalmente quanto à origem europeia e ao domínio de outras línguas, como se observou nos anúncios do *Jornal do Comércio*. Contudo, as tentativas de unificar o Brasil e a língua brasileira pautadas no português europeu e na cultura luso-brasileira parece haver equilibrado, entre africanos e europeus, a necessidade de se aprender português. É justamente a partir dos critérios linguísticos “língua” e “modo de fala” do português que se observou, de forma geral, diferentes níveis de proficiência da língua por negros e imigrantes e se pode concluir, já também em relação aos europeus, que, neste ponto, o

negro africano ou afro-brasileiro falante não nativo é e sempre foi estrangeiro, uma condição que precede a de escravo e de base da identidade do Brasil e que ainda permaneceu mesmo após liberto.

Sou homem [mulher] da cidade, nasci, criei-me e eduquei-me no Rio de Janeiro; e, nele, em que se encontra gente de todo Brasil [e do mundo], vale a pena fazer um trabalho destes...
(BARRETO apud RESENDE; VALENÇA, 2010, p. 23)

Referências

ALKMIM, Tania. A fala como marca: escravos nos anúncios de Gilberto Freire. In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 221-229, 1º sem. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12603>>. Acesso em 16 dez. 2017.

ASSIS, Lúcia Maria de. *Lima Barreto: Língua, Identidade e Cidadania*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: Os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ENGEL, Magali Gouveia. Na corda bamba: a trajetória intelectual de Lima Barreto (1881-1922). In: MENEZES, Lená Medeiros de; TRONCOSO, Hugo Cancino; MORA, Rogério de La. (Org.). *Intelectuais na América Latina: pensamento, contextos e instituições*. Dos processos independência à globalização. Rio de Janeiro: LABIME/UERJ, 2014.

LIMA, Ivana Stolze. Escravos bem falantes e nacionalização linguística no Brasil: uma perspectiva histórica. In: *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 25, n. 50, p. 352-369, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-

21862012000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 16 dez. 2017.

LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LUNA, José Marcelo Freitas de. *O Português na Escola Alemã de Blumenau: da formação à extinção de uma prática*. Itajaí: Univali; Blumenau: Furb, 2000.

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel. (Org.). *Lima Barreto: Toda Crônica*. Vol. 1 – 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). *Contos completos de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Lima Barreto: triste visionário*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Hosana dos Santos; OLIVEIRA, Marilza de. Questões de Língua no Brasil Oitocentista. In: *Fórum linguistic.*, Florianópolis, vol. 12, n. 4, p. 872-882, out./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n4p872>>. Acesso em 16 dez. 2017.

TELLES, Lorena Féres da Silva. *Libertas entre sobrados: Contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.